

*Formação e trajetórias de vida e de inserção profissional:
Estudo sobre egressos dos cursos na área de
Turismo e Hospitalidade em Salvador/BA*

Silvana Figueiredo Souza Venâncio Lopes Machado
& Teresa Medina**

Resumo

O presente trabalho, derivado de pesquisa desenvolvida no âmbito do curso de Mestrado em Educação e Formação de Adultos, da Universidade do Porto, tem por objetivo discutir trajetórias de vida e percursos de formação e de inserção profissional de egressos¹³ dos cursos de educação profissional, realizados em Salvador, no estado da Bahia, Brasil, na área de turismo e hospitalidade, nomeadamente dos concluintes dos cursos de garçom e cozinheiro do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), dos anos de 2014 e 2016. A pesquisa desenrolou-se de acordo com uma metodologia de natureza qualitativa, através da construção de narrativas biográficas, cujos resultados foram interpretados a partir da análise de conteúdo. Os resultados mostraram que, em linhas gerais, após a realização dos cursos, houve uma melhoria a nível laboral e educacional de quase todos os egressos, com ampliação do espectro de ação profissional, para além da mudança de comportamentos no que concerne às perspetivas educacionais.

Palavras-chave: educação de adultos, formação profissional, egressos de cursos profissionais, cursos de vida

Introdução

Muitos são os trabalhos desenvolvidos sobre a problemática da Educação no mundo moderno. Especial atenção tem merecido, já há algum tempo, a educação e formação de adultos, já que se descortina aí uma questão extremamente complexa, em função do peso económico e cultural que o perfil educacional dos trabalhadores economicamente ativos e sua inserção laboral representam para a sociedade e para o desenvolvimento do bem-estar comum.

* Mestre em Educação e Formação de Adultos pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da UP; professora no SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Contacto: silvavenancio@gmail.com

* Professora Auxiliar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP. Contacto: tmedina@fpce.up.pt

¹³ Alunos concluintes de cursos, que fazem jus à certificação.

No Brasil, o campo da educação de adultos divide-se em educação de jovens e adultos (EJA), por um lado, e educação profissional, por outro. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB/96 (Presidência da República, 1996), a EJA é “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Art.º 37.º), dissociando-se da educação profissional e tecnológica, que abrange a formação profissional inicial e continuada, a educação profissional técnica e de nível médio, e a tecnológica de graduação e de pós-graduação (embora existam cursos que integram a educação básica com a educação profissional)¹⁴.

O termo educação tanto serve ao cumprimento do nível de escolaridade obrigatória, quanto ao de profissionalização. No Brasil instituiu-se para as ações de profissionalização a “colocação lexical”¹⁵ educação profissional e não formação, conforme determina a Seção IV-A, da Lei de Diretrizes Básicas (LDB; Presidência da República, 1996).

Essa distinção, porém, nem sempre é clara, mesmo para alguns autores da área, como Moraes & Lopes Neto (2005, p. 1436), por exemplo:

Existem, hoje, no Brasil, duas formas de certificação organizadas de acordo com os distintos propósitos, público-alvo e grupos de interesse que as orientam. De um lado, a certificação regulamentada do ensino de diferentes níveis – fundamental, médio e superior, incluindo o ensino médio técnico, mas mantendo a dissociação entre certificação e formação¹⁶ profissional (a educação profissional básica); e, de outro lado, as medidas “alinhas com as demandas do mercado de trabalho, interessadas no reconhecimento formal de competências adquiridas e acumuladas no exercício de trabalho”, com a finalidade de aumentar a competitividade do sistema produtivo e/ou “organizar e valorizar o mercado de trabalho”.

Nesse sentido, a distinção legal entre educação e formação, isto é, entre educação com certificação regulamentada e educação profissional é aqui importante, deixando-se claro que, terminologicamente, adota-se a colocação educação profissional em substituição de formação profissional.

¹⁴ Convém registrar que, para além dessas distinções terminológicas, é importante observar que em Portugal os termos educação e formação surgem, muitas vezes, integrados. No Brasil, se se considerar a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Presidência da República, 1996), educação e formação são termos dissociados e próprios a diferentes ações de ensino.

¹⁵ Colocação lexical refere-se, em linguística, a uma lexia complexa, isto é, duas ou mais unidades lexicais em vias de lexicalização, como no caso de “conjunto habitacional”, por exemplo.

¹⁶ Grifo nosso. Note-se que os autores utilizam “formação” por “educação profissional”, indistintamente, embora não seja aquele o termo acolhido pela LDB.

O objetivo deste trabalho é divulgar uma pesquisa realizada no âmbito do curso de Mestrado em Educação e Formação de Adultos, da Universidade do Porto, que objetivou conhecer trajetórias de vida e percursos de formação e de inserção profissional de egressos dos cursos de educação profissional, realizados em Salvador, no estado da Bahia, Brasil, na área de turismo e hospitalidade, nomeadamente dos concluintes dos cursos de garçom e cozinheiro, do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), dos anos de 2014 e 2016.

Discorre-se sobre as possíveis motivações para a inscrição e realização desses cursos, sobre as percepções sobre a instituição, os cursos e as práticas desenvolvidas, bem como sobre os efeitos que todo o processo pode ter significado na vida de cada um dos concluintes.

Opção metodológica: escopo e definição do *corpus*

O Senac, instituição em que se desenvolveu o presente trabalho de pesquisa, é uma entidade privada, com fins públicos, mantida por contribuição compulsória das empresas do Comércio e de atividades assemelhadas, e começa sua trajetória de mais de setenta anos, voltando-se para a educação e a formação profissional.

Na Bahia, atua desde 1968, existindo, atualmente, 12 unidades de ensino, sendo dez Centros de Educação Profissional (distribuídos na capital do estado e no interior), voltados à realização de cursos nos segmentos de Gestão, Moda, Beleza, Tecnologia da Informação, Saúde, dentre outros, e dois Centros de Educação Hotelaria em Salvador, o restaurante-escola Casa do Comércio (CEH-CAC) e o restaurante-escola Pelourinho (CEH-PEL), voltados, primordialmente, à realização dos cursos no segmento da Gastronomia.

Considerando as características e os objetivos da pesquisa, mostrou-se mais adequada uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, visto que se pretendeu analisar os percursos de vida de pessoas que frequentaram cursos de educação profissional, com o intuito de compreender em que dimensões os conhecimentos aprendidos contribuíram para a sua formação técnica e pessoal.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 49),

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Como também diz Amado (2014), “a investigação qualitativa tem atrás de si toda uma visão do mundo, dos sujeitos humanos e da ciência, que influencia a escolha e está presente na aplicação de qualquer técnica ou procedimento” (p. 205).

A partir da pesquisa, pretendeu-se constituir um breve perfil socioeconômico-profissional dos participantes, conhecer e compreender as possíveis motivações para inscrição e realização desses cursos, assim como as suas percepções sobre a instituição, os cursos e as práticas desenvolvidas, vislumbrar se e em que dimensões a participação nos cursos favoreceu outras aprendizagens e identificar efeitos que todo o processo pode ter significado na vida de cada um dos concluintes.

Para a recolha dos dados e construção das narrativas biográficas foram realizadas entrevistas, que, segundo Bogdan e Biklen (1994), são uma técnica “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p. 134).

As entrevistas semiestruturadas foram dirigidas a egressos de cursos de educação profissional do Senac, que tivessem sido, especificamente, alunos do Restaurante-Escola Casa do Comércio, preferencialmente homens e mulheres, de dois cursos distintos – de garçom e de cozinheiro –, todos concluintes entre os anos de 2014 e 2016, na área de Turismo e Hospitalidade.

Em função da viabilidade de execução da pesquisa durante o período reservado ao levantamento dos dados, elegeu-se como universo da pesquisa dez participantes: cinco egressos do curso de cozinha e cinco do curso de garçom. Todavia, em razão da disponibilidade dos possíveis candidatos, o corpus foi constituído de seis egressos do curso de garçom e quatro do curso de cozinheiro.

Para a composição desse corpus de participantes, foi realizado um levantamento, junto à Gerência Educacional do CEH-CAC, de todos os egressos dos cursos de garçom e cozinheiro, do período previamente definido (2014-2016), tendo-se chegado à constatação inicial da existência de dezenas de potenciais candidatos às entrevistas, que atendiam aos critérios pré-definidos e cujos dados de contato estavam atualizados no sistema.

Realizaram-se os contatos preliminares com todos esses, por meio telefônico, tendo sido agendados os primeiros encontros. Dos inicialmente contactados, apenas seis confirmaram a sua participação.

Para complementar o *corpus* de entrevistados, novos nomes foram disponibilizados pela referida Gerência, dos quais apenas cinco efetivamente se comprometeram a participar da investigação.

É importante registrar que, no universo dos que declararam desinteresse de participação na pesquisa, alguns justificaram sua atitude por não se considerarem “bons alunos”, no que concerne a sua participação efetiva no processo de formação, o que de certa forma se constitui um óbice, pois seus relatos poderiam, eventualmente, fornecer importantes materiais de análise.

As perguntas constantes do guião de entrevista foram bastante flexíveis e pensadas para permitir que os entrevistados pudessem construir suas próprias narrativas, ou, conforme Bogdan e Biklen (1994), falar livremente, em uma dinâmica “centrada na pessoa do entrevistado” (cf. Almeida & Pinto, 1975, p. 100). O guião de entrevista privilegiou os seguintes tópicos: dados sociodemográficos, percursos formativos, em especial em educação profissional.

Considerando, ainda, que a proposta do estudo foi, também, utilizar as narrativas dos participantes, evidenciadas por meio das vivências individuais e coletivas, fez-se uso do método biográfico, o que tem por pressuposto analisar e compreender as aprendizagens e experiências dos entrevistados, tanto em termos pessoais quanto profissionais.

A opção metodológica do tratamento dos dados foi a análise de conteúdo. De acordo com Recuero (2014), a análise de conteúdo

não é uma abordagem nova. Krippendorff (2012) explica que há três características que distinguem a abordagem “contemporânea” da AC de outras formas de estudo. A primeira delas é sua fundamentação empírica, que privilegia especialmente os textos, procurando compreender seu sentido para os atores sociais. (p. 295)

A explicitação de “atores sociais” dialoga bem com a pesquisa que aqui se apresenta, pois os entrevistados são efetivamente sujeitos que constroem narrativas, enquanto membros de uma sociedade, e que podem ser analiticamente observáveis.

Amado (2014) considera que outra questão importante para a análise dos dados é que é possível

aplicar criativamente a análise de conteúdo a um leque variado de documentos (comunicações), muito especialmente sobre aqueles que traduzem visões subjetivas do mundo, de modo que o investigador possa ‘assumir’ o papel do

ator e ver o mundo do lugar dele, como propõe a investigação de cariz interacionista e fenomenológico. (p. 305)

As entrevistas, previamente agendadas, foram todas gravadas com o auxílio de smartphones e posteriormente transcritas. Todos os entrevistados tiveram os esclarecimentos necessários sobre a natureza e a finalidade da pesquisa, antes da realização das entrevistas e, no final, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, segundo determinam os comitês de ética, nesses casos. O tempo de gravação variou entre 20 e 50 minutos e as entrevistas foram realizadas nas dependências da Casa do Comércio, no Senac, em horário variável, nos turnos da manhã ou da tarde.

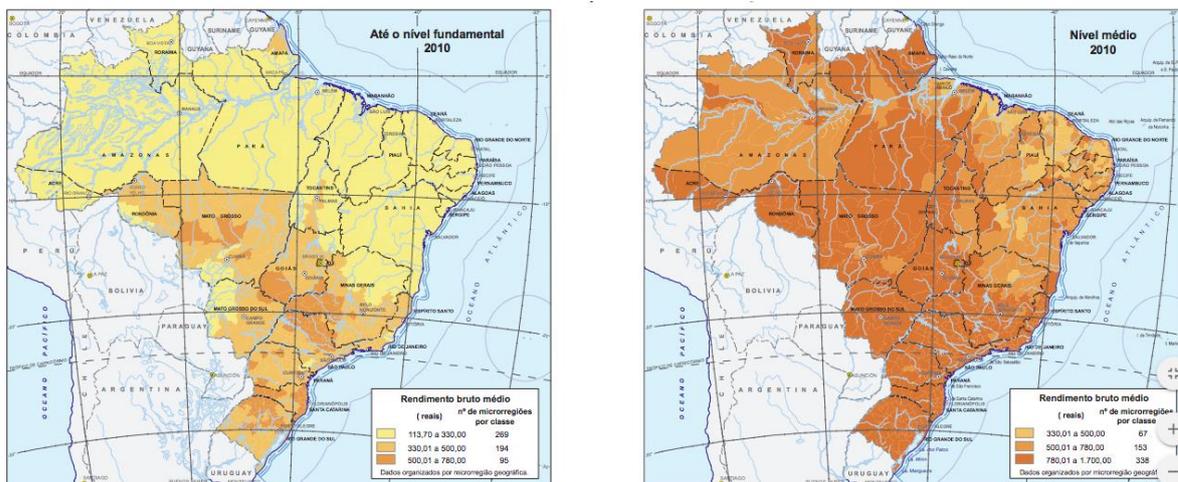
Resultados

Inicialmente, quanto ao perfil dos egressos, seja do curso de garçom, seja do curso de cozinheiro, tinham os entrevistados, na época de realização dos cursos, entre 18 e 34 anos. Concluiu-se que, de forma geral, eram pessoas de baixo a médio poder aquisitivo, residentes em áreas periféricas da cidade de Salvador, todos de nível educacional médio, no mínimo, integrantes de núcleos familiares de, no máximo, cinco pessoas, residindo, geralmente, na casa dos pais. Em linhas gerais, o estatuto educacional desses egressos corresponde às estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013).

Observem-se os mapas na Figura 1, em que o nível de escolarização está relacionado com os níveis salariais praticados nas diferentes regiões (dados de 2010). O mapa da direita refere-se a pessoas com formação de nível médio; o da esquerda a pessoas com o nível fundamental. A cor mais escura, no mapa da direita, corresponde ao máximo de R\$1.700,00 (um mil e setecentos reais), por mês (+/- 390 euros). Pelo que se pôde levantar, o perfil dos egressos corresponde a esse paradigma.

Figura 1

Mapas do perfil socioeconômico em relação ao nível de escolarização no Brasil



Fonte: IBGE, 2013.

Os resultados da pesquisa consideram as seguintes dimensões de análise: i) motivações que foram identificadas na narrativa dos egressos para que tivessem realizado os cursos no Senac; ii) diferentes experiências profissionais (antes e após a frequência no Senac); iii) percepções dos egressos sobre a instituição e a valorização da formação e da prática; iv) a influência do Senac no curso de vida dos egressos.

Quanto às motivações

Relativamente às possíveis motivações que os levaram a inscrever-se e a frequentar os cursos de educação profissional no Senac, os resultados apontaram para uma grande diversidade de motivos, de possibilidade de generalização pouco expressiva.

Para H¹⁷, por exemplo, egresso do curso de garçom, o interesse surgiu por via da mãe, ao dizer que “ela sempre me incentivava para fazer o curso também”, considerando que ela sempre teceu muitos elogios ao Senac, resolveu frequentar o curso:

de tanto ela me falar, de cobrar, eu disse: ... vou fazer o curso simplesmente para ver se minha mãe deixa um pouco essa parte de garçom, para parar de me cobrar... vou fazer só porque minha mãe mesmo é quem está pedindo.

¹⁷ Os entrevistados são identificados por letras maiúsculas, preservando suas identidades.

Já M, ao falar por que se interessou em fazer o curso, diz: “após um colega meu, que fez um curso de garçom, aqui no Senac, ele fez ótimas recomendações... eu me senti muito influenciado”.

Há casos em que a motivação é revelada através de uma necessidade de ordem emocional, para “ocupar um pouco a mente, que ainda era um ano só de separada e a mente ainda estava focada naquilo”, conforme relata E.

São muitas outras as motivações que levaram essas mulheres e homens a se matricularem nos cursos de garçom e no de cozinheiro. Note-se que uma delas foi a de vivenciar a prática, conforme sinaliza J, ao relatar que

quando eu entrei na faculdade, apesar de eu ser novo no curso, ser iniciante, eu sentia muita diferença no conteúdo teórico mesmo e o que era ensinado era aplicado na faculdade, aí todos os colegas que eram da área, que já possuíam um certo conhecimento, sempre recomendavam ir para o Senac... lá eu teria o teórico e a prática.

Para F, do curso de garçom, por seu turno:

tudo começou quando eu tinha 16 anos ... estava querendo muito trabalhar, querer ganhar o meu próprio dinheiro, eu também queria ter uma independência financeira e comecei trabalhando em um bar num evento... então eu queria fazer uma coisa legal, ter mais experiência, mais conhecimento e surgiu uma oportunidade para eu vir para o Senac para fazer o curso técnico e eu vim para o curso técnico em serviços de bar e restaurante.

Esclareça-se que F relata uma motivação muito prévia, já que, para participar do curso de garçom no Senac, um pré-requisito de ingresso é o de ter maioridade.

B, do curso de cozinheiro, ao falar sobre o que a levou fazer cursos no Senac disse que

antes eu sempre trabalhava com atendimento ao cliente, fui atendente de clínica, fui operadora de caixa, tudo relacionado a atendimento ao cliente e essa paixão pela gastronomia foi crescendo com o tempo. Então, resolvi fazer o curso.

Foi por influência de outros, como ocorreu com M, para o curso de garçom, que A resolveu fazer o curso de cozinheiro. Segundo seu relato:

Desde que entrei no curso de gastronomia, eu ouvia os professores, pessoas que iam palestrar, profissionais que já estavam na área, sobre o curso do Senac de cozinheiro profissional, que era muito bom e que era importante a gente fazer. Tipo, boa parte

das pessoas que iam palestrar, mesmo os professores, falavam como era importante a gente fazer esse curso. (A)

Alia-se à motivação por influência de terceiros, uma outra relacionada com o prestígio que o curso tinha junto aos profissionais que a entrevistada teve a oportunidade de ouvir em palestras.

Outra motivação identificada foi a da mera oportunidade, em função de um dos entrevistados ser aluno de uma escola pública que havia firmado um convênio com o Senac, para que seus alunos pudessem frequentar o curso de garçom. O condicionamento agiu oportunamente para que C frequentasse e concluísse seu curso. Para o aluno:

O Senac caiu, assim, como uma luva em minha vida, como formação profissional muito importante, porque quando o Senac veio a mim, acredite, que foi uma oportunidade que eu estava esperando para mim. Não sabia ao certo o que eu queria. Para me adaptar demorou um certo tempo e até eu ter essa visão profissional demorou um certo tempo. (C)

Se se perseguisse um padrão, haver-se-ia de concluir que seria a diversidade de motivos o padrão identificável na pesquisa para a motivação dos egressos entrevistados, afinal, “a motivação será o tipo de configuração subjetiva que está na base da produção de sentidos subjetivos. Portanto, a motivação define-se no sujeito e pelo sujeito, e não pelo tipo de atividade” (Rey, 2005, p. 36, citado em Alves et al., 2012, p. 100).

Entre todas as motivações identificadas, a pesquisa registrou apenas um relato em que foi explicitada a questão da gratuidade como variável determinante para a escolha do curso. Isso aparece na narrativa de M, antes referido por duas vezes, e quem mais discorreu verbalmente sobre suas motivações. Para o entrevistado, ao seguir o exemplo do amigo que o havia influenciado: “olha, vá fazer o de garçom no Senac, é um curso muito bom, é um curso de gratuidade, é um curso que você vai ter todo material didático, fardamento”. Na sequência da narrativa concluiu M: “e me vendeu o curso”.

Não se pôde, efetivamente, determinar um padrão, senão demonstrar que, de fato, as idiosincrasias são fator determinante para questões que envolvam escolhas. Não obstante, um ponto comum entre todos os egressos terá sido o da confiabilidade na instituição de educação profissional, conjuntamente com a necessidade de inserção no mercado de trabalho ou progressão funcional, para os que já estavam inseridos na área, e curiosidade, ou mesmo indicação de outrem.

Quanto às experiências profissionais

Para Cavaco (2002), os saberes adquiridos “ao longo da vida profissional, familiar e social entrecruzam-se e complementam-se, tornando o percurso formativo um processo coerente e complexo”, sendo a aprendizagem “facilitada quando há complementaridade de saberes entre os vários domínios” (p. 62).

Por isso, o conhecimento da experiência profissional de cada um dos entrevistados, anterior e posteriormente à realização dos cursos de garçom ou de cozinheiro no Senac, foi relevante para uma visão mais completa do possível grau de importância da educação profissional recebida, na vida de cada um dos egressos.

Pôde-se levantar que, desde cedo, a maioria dos entrevistados já convivía, anteriormente aos cursos do Senac, com o mundo do trabalho, normalmente em atividades autônomas, algumas sem vínculo formal, quer na área da restauração, quer em outras esferas relacionadas a atendimento ao público, no geral.

Por exemplo, F, do curso de garçom, relata que, ainda com 16 anos, já se havia iniciado na atividade laboral, “trabalhando em um bar, num evento em bar”, da mesma forma que E, que, segundo suas próprias palavras: “já trabalhava com eventos, festas”.

Outro egresso do Senac, do curso de cozinheiro, J, disse, em seu depoimento, que trabalhava desde os 18 anos na condição de técnico em informática na esfera da administração pública, mesma faixa etária com que M iniciou a sua experiência profissional: “o meu primeiro emprego foi no restaurante, lá eu trabalhei como atendente de lanchonete”.

Durante a realização do curso, novas experiências, para além do curso de garçom ou de cozinheiro, foram agregadas. No curso de garçom, por exemplo, houve a oportunidade de participação em competições de educação profissional, a nível nacional e a nível internacional.

A importância dessas atividades na perspectiva do aluno, pode ser representada através dos comentários de M, por exemplo:

Essa competição tem vários níveis, tanto nacional e internacional e a das Américas. A competição, em si, busca demonstrar habilidades técnicas que são direcionadas à ocupação e voltado para o serviço de restaurante. Ela busca direcionar habilidades de departamentos diferentes em restaurante ou restaurantes de níveis diferentes.
(M)

Disse ainda que, para participar das competições, teve que frequentar cursos mais específicos como:

voltados à harmonização de vinhos com os alimentos, cursos voltados à questão da oratória, cursos voltados à preparação de molhos, então eram cursos mais específicos, que iriam atender meu objetivo geral, que era me preparar para a competição e automaticamente eu iria coletar conhecimentos para minha vida profissional no futuro (M).

No que concerne à experiência profissional de I, após a conclusão do curso de cozinheiro no Senac, por exemplo, passou a ser chefe assador, isto é, especializou-se em charcutaria, defumação e churrasco, transformando-se em empresário autônomo na área. Sua experiência profissional atualmente é reflexo de todo o processo de formação profissional por que passou, incluindo-se a experiência institucional no Senac. Em suas palavras sobre sua trajetória experiencial:

fui migrando de uma área para outra desde que comecei. Quando entrei aqui para o Senac eu gostava de cozinhar, de fazer macarrão, de fazer macarrão mesmo artesanal, mas a intenção era um dia abrir um restauantezinho, bistrozinho de comida italiana, aí depois virou cozinha regional, que aí eu comecei a sentir uma identidade muito grande com a minha cultura, pela minha origem, de onde eu venho (...). Fui para São Paulo fazer o curso de panificação e já pensando também na questão do bacon, de fazer um bacon artesanal. Quando voltei para Salvador comecei a fazer teste, a inventar arte e que gradativamente eu fui conseguindo aperfeiçoar, chegar a um produto satisfatório. (I)

A experiência profissional desenvolvida depois da conclusão do curso do Senac foi a primeira na vida de C, que, quando ingressou no curso, nunca havia trabalhado. Disse o egresso, durante a entrevista:

Foi através desse curso de garçom que eu comecei a trabalhar na área (...). Hoje, eu me encontro como chefe de fila (...), um garçom líder. É essa função que eu me encontro (...), mas antes eu trabalhei, numa casa, de barista, antes disso, antes de chegar no hotel. (C)

E aí reside uma importante relação a ser aqui construída, a que remete para a influência que teria tido a educação profissional recebida no Senac para a mudança do curso de vida dos próprios egressos. Se se considerar que esses 40% não foram selecionados como sujeitos da pesquisa em função de já pertencerem aos quadros da instituição, mas, especificamente, em razão de corresponderem a sujeitos que atendiam às definições do projeto inicial da proposta de investigação,

isto é, egressos de cursos de garçom e cozinheiro realizados no Restaurante-Escola Casa do Comércio, do período previamente determinado (2014 e 2016), e do gênero, masculino e feminino, a expressividade do percentual apresentado não pode, pois, ser desprezada. No entanto, este percentual, não tendo sido procurado, pode também resultar de uma maior disponibilidade para participar na pesquisa e ser entrevistado quem se manteve no Senac, embora numa outra situação, em geral associada a uma trajetória de sucesso.

Observando-se as respostas sobre as experiências profissionais posteriores à realização dos referidos cursos, constatou-se que, em linhas gerais, houve um grau de melhoria da perspectiva laboral e educacional de quase todos os egressos. Mesmo aqueles que não utilizaram a experiência da área de turismo e hospitalidade para a sua inserção no mercado de trabalho, demonstraram em seus depoimentos que ampliaram o espectro de ação profissional, encontrando-se todos, à exceção de uma concluinte que optou por continuar seus estudos, em posições profissionais melhores do que as que detinham anteriormente à realização dos cursos.

Quando, antes, também se referiu à melhoria educacional, baseou-se na análise dos relatos que indicaram propensão a ingressar em estudos de nível superior, além dos que já se encontram atualmente cursando uma universidade. Percentualmente, pode-se dizer que 40% dos egressos entrevistados estão inscritos em um curso universitário, alguns dos quais em curso em área similar de atuação: gastronomia. Chegou-se ao resultado de que, também, os depoentes indicaram uma mudança de curso de vida ao declararem a intenção de continuar seus estudos futuramente em uma universidade.

Portanto, os resultados mostraram que, grosso modo, após a realização dos cursos, houve uma melhoria na situação profissional de quase todos os egressos, com ampliação do espectro de ação, para além da mudança de comportamentos no que concerne às perspectivas educacionais. Junto a isso, os relatos comprovam mudança de comportamento no que concerne às expectativas relacionadas ao futuro e à inserção social dos concluintes, servindo a pesquisa como referência para avaliação dos impactos que os cursos do Senac podem provocar na vida de quem os frequenta.

Quanto à percepção dos egressos sobre o Senac e à valorização da formação e da prática

O material coletado a partir da realização das entrevistas pôde evidenciar que, em linhas gerais, a percepção em relação ao Senac foi bastante positiva, cabendo à prática desenvolvida durante o curso o papel de destaque para a construção dessa imagem institucional.

Isso se pode constatar nos fragmentos das narrativas dos egressos, como no caso de I, do curso de cozinheiro:

O curso de cozinheiro eu acho perfeito, acho ótimo, assim, pra mim até melhor do que a faculdade que eu fiz de dois anos.¹⁸ Dá de dez a zero (...). O que eu aprendi aqui em, sei lá, seis meses, eu não aprendi em dois anos na faculdade. De prática, de conhecimento (...). Não só prática, como conhecimento também, entendeu? O Senac oferece um excelente curso pelo valor de uma mensalidade na Faculdade. Então para mim (...) todo mundo que me pergunta, eu falo: se eu fosse você eu gastava o dinheiro fazendo um curso no Senac do que na faculdade. A faculdade não vai te ensinar metade do que você aprendeu lá tanto de prática quanto de teoria (...). Fazer o curso no Senac com a qualidade que o curso tem realmente foram assim fatores-chave para que eu falasse é isso que eu quero!

Percebe-se, sem grande esforço, na fala de I, acima, entusiasmo quanto à imagem positiva do Senac e à qualidade do curso de cozinheiro, sobretudo, quanto à valorização da prática, se interpretado comparativamente com outro curso de formação que seria oferecido a nível superior e com qual teve experiência. Seu posicionamento encontra eco na fala de B, egressa do mesmo curso de cozinheiro:

O que eu mais gostei foi a técnica, a forma que os instrutores passam para a gente, você vai levar para o resto da vida, até hoje eu ouço o professor (...) falando, o professor (...) falando, o professor (...) falando: “entendeu”? E quando estava trabalhando parece que eles estão lá, então fixa mesmo o aprendizado, fixa na gente mesmo, não é uma receita que você aprende ali e joga para lá e esquece, são técnicas que a gente leva adiante mesmo e que faz a diferença. Muito, muito, muitíssimo. (...) eu consegui mudar muitas coisas no restaurante em que eu trabalhei e eu fiquei feliz por isso, graças às experiências que eu tive no curso, nos aprendizados.

O foco de A, por sua vez, na apreciação positiva do curso, recaiu mais sobre a valorização da prática:

¹⁸ Curso de Gastronomia.

então foi uma das coisas que eu gostei aqui no SENAC, aqui a gente teve um grande tempo de aula prática, como da prática mesmo, lá no restaurante-escola. Essa foi uma das coisas que eu gostei, eu vi, tem coisas que eu vi aqui, antes mesmo da faculdade, que eu estou vendo agora, por exemplo.

Como resultado vê-se o que disse A ao revelar sua apreciação ao curso de cozinheiro, notadamente quanto à prática, do mesmo modo com que outro egresso do mesmo curso de cozinheiro demonstra sua percepção sobre o Senac e sobre a valorização da prática para sua formação. Veja-se o que disse J:

Em termos do curso, da prática, principalmente a prática, tanto a didática, quanto a cozinha do restaurante, completamente diferente do que nós aprendemos na faculdade, aliás o curso de salão em si já trouxe um grande impacto, face ao que é ensinado na faculdade.

Outro egresso do curso de garçom a se manifestar positivamente em relação ao Senac foi C. Para ele:

Quando eu entro na Instituição do Senac, passa uma bola de neve na minha cabeça. Não esqueço de nada, dos corredores, dos alunos, dos professores. É realmente um lugar muito marcante, muito significativo. Não conheço quem fale mal de uma instituição como essa, que é muito benéfica, muito legal. (C)

A percepção positiva sobre o Senac e a relação que se estabeleceu com a valorização da prática é também revelada na fala de D, do curso de garçom, sobretudo pelos qualificativos nominais ‘maravilhoso’, ‘interessante’ e ‘legal’ (antes também empregada por C, acima) e a força da locução verbo-nominal ‘valer a pena’:

Ah, praticamente tudo, principalmente na área de bar, que a gente aprende vários drinks, também no atendimento, que tinha várias formas de abordar um cliente (...). A parte do atendimento, aprender sobre atendimento (...). Porque a maioria das pessoas, tipo cliente, eles estão lá... e a gente pensa que é só atender e pronto, mas é fazer com que o cliente se sinta como se ele estivesse em casa, desde o momento que ele coloca o pé no restaurante, até o momento que ele sai. E eu acho isso bem interessante (...). Vale a pena. Quem não fez vale a pena, tanto que até comento com alguns colegas meus de trabalho que eu fiz o curso aqui e que aqui foi bem maravilhoso, foi muito legal. (D)

A constância quanto à positividade da imagem do Senac mantém-se no discurso de E, do curso de garçom, que afirma:

O Senac é referência. Quando você sai com seu currículo e bota (...) eu, na verdade, sai com dois tipos de currículo: o currículo para essa área e um currículo para essa outra [eventos]. E essa área era a que mais chamava. E quando bota o nome do Senac, tá lá, tem o currículo, tem o certificado.

Como visto, os relatos, no geral, permitem a inferência de que a imagem do Senac para os egressos é positiva e que a prática em seus cursos funciona como ponto de destaque no processo de aprendizagem.

A influência do Senac no curso de vida dos egressos

Sobre esse aspecto, percebe-se com clareza no relato de E, do curso de garçom quando afirma que

minha vida mudou bastante, porque eu vim ter a certeza de que eu era capaz de fazer qualquer coisa, não só ficar naquilo. Fiz o curso de garçom, achando que seria o mínimo e foi muita coisa para mim (...) eu vou para qualquer lugar.

A sucessão de relatos vai fortalecendo a ideia do nível de influência da realização de um dos cursos do Senac na vida de diferentes pessoas. H, por exemplo, ao comentar suas motivações para sua matrícula no curso de garçom, demonstra quanto a vida de sua mãe se alterou profundamente após o Senac. Sobre ela, a quem atribui a responsabilidade por ter seguido seus passos na instituição, diz que, inicialmente, “minha mãe trabalhava de doméstica”, depois do curso de garçom, “trabalhava de garçonete e agora foi promovida essa semana, como chefe de fila”. A mudança de perspectiva de vida, embora diretamente atrelada à própria realização do curso, reflete-se latentemente em uma mudança de comportamento coletivo no núcleo familiar, cujo ciclo de valorização da educação profissional vai-se alastrando, para o filho (H) e, encadeadamente, para a irmã.

Considerando que alterações de comportamento estão muitas vezes associadas a questões de ordem cultural, o depoimento de I é bastante esclarecedor para demonstrar quanto sua vida se modifica a partir do contato com o Senac, para além dos efeitos diretos do curso. Para o egresso:

A gastronomia me ajudou a desenvolver muito forte em mim uma identidade cultural. Me ajudou a me identificar. Eu falo que são minhas raízes (...). E assim a gastronomia me deu essa identidade cultural muito forte, essa conexão com minhas raízes, com a culinária tradicional (...). A gastronomia me ajudou a valorizar a cultura, me

ajudou a valorizar a tradição, me ajudou a valorizar o artesanal. Entendeu? Então foram coisas que vieram através da gastronomia realmente. (I)

Outro depoimento que se destaca é o de M, que diz, ao ser indagado sobre o que poderia ter sido acrescentado em sua vida, após a realização do curso de garçom do Senac, em relação a outros interesses:

A gente muda a visão completamente. O olhar é mudado completamente. Começa pela própria postura. Ampliou e algumas pessoas no meu convívio percebem, perceberam a diferença (M).

Na continuação de sua narrativa, M complementa, quando lhe é perguntado em que sentido houve mudança de postura:

No sentido físico. Da questão física. Ergonomia, sim. E a postura também referente à comunicação. A não falar gíria, a saber de que forma você pode falar, vender um produto ou um serviço, até mesmo etiqueta à mesa.

Outros, entretanto, como C, inicia sua narrativa, buscando resumir sua mudança em uma palavra-chave: “maturidade”.

Maturidade, acho que é a palavra. Fiquei muito mais maduro, muito mais convicto do que eu queria falar para você ou para qualquer outra pessoa. Não tinha essa confiança de falar com ninguém. Eu era um pouco mais fechado, era um pouco mais brincalhão em relação a algumas maneiras, algumas coisas e eu me posicionava muito na parte da brincadeira.

O mesmo C demonstra como o contato com a alteridade, promovida por sua inserção no Senac, foi significativa para si:

Quando a gente vem de bairro periférico, a gente se priva muito. A gente vive em uma “bola” que só gira ali mesmo. A gente só vive naquele mundinho, ali mesmo. Quando a gente sai para outras instituições de ensino, a gente muda um pouco mais a concepção, a gente muda. Você sai de um estado, de um país, vai para outro, você vai mudar conforme a cultura. É a mesma coisa de um curso, você sai de um bairro periférico e vai para outro bairro, vê pessoas diferentes, vê conversas diferentes, vê assuntos diferentes, você absorve isso para si.

Para B, a resposta sobre como teria influenciado o Senac a sua vida, não hesita ao dizer que foi a questão da “responsabilidade”. A avaliação que faz da

contribuição do Senac para sua vida pessoal constrói-se através da imagem que passa a transmitir junto a outras pessoas, especialmente a familiares:

Então mudou muita coisa na minha vida. Meus familiares perceberam que eu comecei a ser mais tolerante com tudo, a ser mais paciente, porque jovem não tem paciência, comecei a ter mais paciência, tolerar mais e o Senac me ensinou muito, os professores, os profissionais que estão aqui “fez” muito para minha vida. (B)

Considerações finais

A relação entre o eu e o mundo é uma relação de saberes que só pode ser percebida de forma interpretativa, a partir da análise qualitativa dos diferentes discursos que possam concorrer para sua evidenciação. Os depoimentos dos egressos permitiram demonstrar que o curso de suas vidas se alterou inequivocamente, após a relação que estabeleceram com o Senac, com as pessoas, com cada um dos cursos, seja o de garçom, seja o de cozinheiro.

As mudanças que puderam ser sentidas relacionam-se com a chamada visão de mundo, cujo foco se altera em muitos dos egressos, e que se manifesta através de unidade lexicais bastante representativas, como a forma do verbo mudar, reiteradas vezes utilizado pelos depoentes, ou pelo substantivo maturidade, cuja carga semântica pressupõe o mesmo traço de mudança, notadamente de estado, ou ainda pelo emprego do item responsabilidade, que, etimologicamente, se relaciona à ideia de resposta a algo.

Referências bibliográficas

- Almeida, João F., & Pinto, José M. (1975). *A investigação nas ciências sociais*. Editorial Presença.
- Alves, José, Pessoa, Wilton, Sgrott, Ana, Santos, Janes, Santos, Patrícia, & Conceição, Luiz Carlos (2012). Sentidos subjetivos relacionados com a motivação dos estudantes do clube de ciências da ilha de Cotijuba. *Revista Ensaio*, 14(3), 97-110.
<https://doi.org/10.1590/1983-21172012140307>
- Amado, João (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, Robert, & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Cavaco, Carmen (2002). *Aprender fora da escola: Percursos de formação experiencial*. Educa.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2013). Perfil socioeconômico da população. In *Atlas do censo demográfico 2010* (cap.8, pt.1). https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64529_cap8_pt1.pdf

- Moraes, Carmen, & Neto, Sebastião (2005). Educação, formação profissional e certificação de conhecimentos: Considerações sobre uma política pública de certificação profissional. *Educação e Sociedade*, 26(93), 1435-1469. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400019>
- Presidência da República. (1996). Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm
- Recuero, Raquel (2014). Discutindo análise de conteúdo como método: O #DiadaConsciênciaNegra no Twitter. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 56(2), 289-309. <https://doi.org/10.20396/cel.v56i2.8641480>